

A obra de Bernardo Élis entre o centro e a periferia do Brasil: a questão da nação brasileira.

Prof^a. Dr^a. Leila Borges Dias Santosⁱ (UFG)

Resumo:

A obra de Bernardo Élis mostra parte da realidade social de Goiás, estado considerado cultural, política e economicamente periférico. Élis insere-se no regionalismo realista do modernismo ou no regionalismo central (Coutinho) e na chamada universalização necessária sobre uma realidade ficcional (Candido). O objetivo desse estudo é analisar a obra de Élis sob uma nova abordagem da relação centro-periferia na produção literária brasileira. Intenta construir um discurso autônomo (Veloso e Madeira), superando o status diferenciado entre interior e litoral capaz de nivelar as regiões brasileiras com relação à representação nacional, buscando a integração entre a autenticidade do sertão e o cosmopolitismo do litoral (Vidal e Souza), já que a condição de se ser regional ou nacional seria de fundo político e econômico e não artístico (Vicentini).

Palavras-chave: Bernardo Élis, regionalismo, centro-periferia, nação.

1 Introdução

O presente trabalho relaciona o regionalismo modernista de Élis com uma discussão acerca do poder da literatura em elucidar a condição de alguns estados brasileiros serem considerados centro e outros, periferia.

Pretende-se discutir a respeito da heterogeneidade cultural brasileira, imaginada pela hierarquia estabelecida entre o litoral e o sertão, refletindo sobre as possibilidades de tornar a nação brasileira mais homogênea.

O texto propõe subverter essa lógica hierárquica, questionando-a.

Aponta, para tanto, um tecido conceitual que prevê tanto a construção cultural e política de um discurso autônomo como afirmação de um local privilegiado de fala, quanto a conjunção entre litoral e sertão. Integrando a incompleta e heterogênea nação brasileira por meio do regionalismo modernista do referido autor.

2 O Regionalismo de Bernardo Élis

O conto mais punjente do regionalismo de Bernardo Élis, **A Enxada**, do livro de contos editado em 1966 e ganhador dos Prêmios José Lins do Rego e Jabuti, **Veranico de Janeiro**, retrata a “rurbanidade”, termo forjado por Gilberto Freyre em Sobrados e Mucambos, que indica “um misto de urbano e rural, de desenvolvimento e de estabilização, de ordem e progresso, em sua existência ideal”. (FREYRE, 2000, p. 736).

O termo “rurbanidade” sintetizaria bem o processo de continuidade das relações humanas anti-democráticas e tradicionais provenientes da sociedade patriarcal, pois a urbanização ocorrida no Brasil, e em específico em Goiás, não permitiu modificar de forma incisiva as práticas sociais cristalizadas na colônia, apenas modificando-as em sua forma, não em sua essência.

Essa predisposição pode ser aplicada a Goiás, devido à sua história recente ligada ao coronelismo e à sua localização periférica nos âmbitos da cultura, da política e da economia dentro da periférica nação brasileira, se inserida no âmbito mundial.

A violência física e psíquica da referida obra de Élis está simbolizada pelas nefastas relações humanas, representadas, sobretudo, pelo personagem de **Piano**, símbolo da reificação a que outro ser humano é reduzido.

A ausência de redenção de sua ficção reforça a violência naturalizada das relações sociais e a sua não aceitação de uma sociedade hierárquica, pré-moderna e semi-escravista, o que mostra uma realidade iniciada no período colonial e revela ao país sua longevidade, devido à persistência de relações humanas degradantes.

O que é recorrente no regionalismo, no qual, segundo Modesto Gomes em **Sentido do Regionalismo Goiano**, persistiria a temática telúrica dominadora da experiência existencial, contando com “linguagem áspera e violenta” (1971, p. 80).

Gomes também observa um apelo de estudo social entrelaçado à ficção e mesmo que a ficção de Élis se situe em ambiente de cidades pequeninas de um estado distante do litoral e dos centros culturais, políticos e econômicos, prevalecem as relações humanas tecidas no campo.

Antonio Candido em **A educação pela noite e outros ensaios**, lembra que o regionalismo foi “consequência da atuação que as condições econômicas e sociais exercem sobre a escolha dos temas” (1989, p. 157), e sua atualidade e importância se devem ao fato de que a “realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante”. (1989, p. 159).

Élis se situa na considerada fase consciente do subdesenvolvimento, ou seja, pós-30, onde o regionalismo por meio do “realismo social” atingiu o patamar de “obras significativas” (CANDIDO, 1989, p. 161). O Regionalismo alcança então uma eficácia literária denominada por Candido em **Literatura e Sociedade**, de “quinhão de fantasia” (1976, p. 13) e que lhe possibilita

Modificar a ordem do mundo [...] para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento de verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal. Mas se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais [...] No seu papel de formadores da estrutura, veremos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária. (CANDIDO, 1976, p. 13).

O cenário mental goiano, identificado por Élis, é eficaz devido à forma como essa “matéria-prima” dos elementos sociais auxilia na “economia interna da obra” (CANDIDO, 1976, p. 12), propiciando sua assimilação, de maneira a construir sua formulação estética.

Ou seja, “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de idéias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós”. (CANDIDO, 1976, p. 14). Isso é o que concilia os fatores externos e internos referidos por Candido quando um autor produz por meio dos óculos de sua criatividade artística uma leitura de efeito desconcertante e absorvente, devido à sua verdade e contundência, como é o caso dessa obra de Élis.

É o que Candido denomina “organicidade”, necessária à criação de uma obra literária, no que privilegia a investigação da influência do meio sobre a criação literária, e conclui, que “a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. (1976, p. 19). É também aplicável à Élis a observação de

Candido em **A literatura e a formação do homem** de que, quando há o respeito pela linguagem do homem que se retrata, há uma

visão humana autêntica [...] Pelo encontro de uma solução linguística adequada; e dependendo dela é que o regionalismo pode ter um sentido humanizador [...] Pode funcionar como representação humanizada ou como representação desumanizada do homem das culturas rurais. (1972, p. 808).

Élis pode ser associado ao que Candido denomina de “identificação máxima com o universo da cultura rústica”, reduzindo a distância entre o autor e o personagem retratado, que deixa de ser “ente separado e estranho” contemplado pelo homem culto, nivelando autor, personagem e leitor, participantes de uma mesma “experiência humana mais profunda” fornecida pelo autor e sua “visão da realidade”. (CANDIDO, 1972, p. 88-89).

A criação de personagens como Piano, comprova a percepção de sociedade do autor, acumulada por sua sensibilidade e gênio criativo. Élis construiu personagens refletidos pela herança de hibridismo cultural e étnico em contexto de país e estado periféricos.

Esse processo de construção artística é contextualizado por Candido ao observar que a estrutura literária de uma obra se baseia em uma “organização formal de [...] Representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita”. (1976, p. 169). Ele encontra o significado da função histórico-literária de uma obra, ao conciliar tal função com a estrutura interna de sua produção artística.

Afrânio Coutinho em **A literatura no Brasil** observa no Regionalismo um mergulho no local formado pelo espaço geográfico da natureza e pelos elementos culturais autênticos da unicidade do dinamismo de seu universo, inclusive por meio de “formas de conflito social e moral”. (1986, p. 236).

A Enxada espelharia a indetidade goiana, ainda hoje, pela linguagem do sertanejo e pelo sentido de pertença que gera. O autor e sua obra situam-se entre dois mundos: o moderno e o patriarcal, ambos, autor e obra, seriam avessos à modernização periférica e excludente, que aqui se erigiu em processo mais exógeno que endógeno e que nos condena, enquanto assim o for, a uma posição cultural e econômica de subordinação.

3 A construção de um local privilegiado e autônomo de fala

Está presente na obra de Élis o anseio de sermos capazes de construir um local privilegiado de fala, termo utilizado por Angélica Madeira e Mariza Veloso em seu livro **Leituras Brasileiras**, onde a cultura e a história brasileira são compreendidas por meio de uma reflexão sobre narrativas e imagens do Pensamento Social e da Literatura nacionais, representantes do Brasil e dos brasileiros.

A sociedade brasileira, segundo as autoras, teria surgido do período colonial, responsável por heranças ainda vivas e originadas dessa época e fundamentais para a compreensão de nós mesmos. Seríamos uma nação cuja identidade foi forjada sob o olhar e padrões de referência metropolitana.

As autoras intentam com essa seleção, identificar uma formação ou *Bildung* sólida e ampla sobre a cultura brasileira, enfatizando também expressões estéticas e práticas sociais que a constituiriam.

Buscam ainda perceber a diversidade de perspectivas e a multiplicidade de vozes que compõem a fala ou o discurso de cada época. Tal polifonia forçaria uma reflexão sobre nossa identidade diante da realidade globalizada da cultura contemporânea, favorecendo a construção de um justo lugar de enunciação, como ambas denominam, para superar recalques e fortalecer a auto-estima nacional, de maneira a pôr termo ao nosso sentimento de colonizado, já que seríamos um povo constituído por diferentes matrizes e tradições, que delinearam nossa cultura política e artística e que sedimentou um modo de ser e um imaginário próprios, marcados pela fusão cultural ocorrida no país.

As autoras também destacam a necessidade de se articular cultura e política, estética e ética, investindo em nossa autenticidade e afirmando nossa “singularidade universalizante” por meio do conhecimento de nossas tradições e avaliar as possibilidades de uma inserção ágil e criativa no mundo transnacional, já que a modernidade cruza pontos de vista e vozes coloniais e metropolitanas. (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 31)

Buscam construir uma posição privilegiada de fala ou um “justo lugar de enunciação” do discurso político brasileiro, por meio do desvendar dos vínculos entre a cultura, política e economia, para construir alternativas para compreender novas instâncias de sociabilidade, o que faz lembrar o status diferenciado dos discursos considerados regionais e nacionais (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 30), a fim de sermos capazes de construir habilidade política que situe o Brasil nessa condição de privilegiado em sua relação com o mundo.

O presente texto propõe o mesmo no âmbito nacional, pois se almeja atingir um discurso autônomo, livre de um status desprivilegiado e periférico de fala. Uma nova produção de sentido, portanto, seria combustível de defesa e de nova identificação, uma vez que a cultura é um “patrimônio coletivo”. (VELOSO; MADEIRA, 1999, p. 36).

O que remete à discussão sobre centro e periferia, sertão e nação, pelo fato de o Regionalismo ser associado a sertão, a uma condição local e distante do litoral.

4 A questão sertão-litoral na invenção da nação brasileira e a desconstrução da lógica centro-periferia na literatura brasileira

Candice Vidal e Souza em **A Pátria geográfica** traz uma análise sobre a possibilidade de “construir uma nacionalidade completa em civilização e segura em sua autenticidade”. Da avaliação da paisagem brasileira, a antropóloga lembra que somos uma “nação incompleta”, mas com intentos de superação dessa condição. (1997, p. 17).

A autora busca interpretar os discursos do Pensamento Social sobre o espaço nacional imaginado em sertão e em litoral, pois seria criados, segundo Candice, os chamados lugar e sociedade sertão e lugar e sociedade litoral. A brasilidade nasceria do sertão, conforme sugerem autores do Pensamento Social Brasileiro, selecionados pela autora e que formam o que o país é e o que deve ser. (SOUZA, 1997, p. 33)

O Brasil seria “pátria feita pelos espaços nomeados como sertão e litoral”: um caminho para desvendar “o imaginário sobre o vazio-sertão, responsável pela interminável construção da ideia de Brasil”. (SOUZA, 1997, p. 33).

Nesse ponto da discussão entra a ideia de fronteira, ou o “índice de incidências transformativas dentro da área interna de um país”, pois o sertão influenciado pelo litoral se transformaria em fronteira e nos constituiria em nossa autenticidade e especificidade. (SOUZA, 1997, p. 131).

Porém, apesar de o Brasil se fazer no sertão, este seria o oposto de cultivado, seria preciso, portanto, cultivar o sertão, segundo Candice, “matéria-prima da nação”, pois apenas o econômico não solucionaria os dilemas sociais e humanos. (SOUZA, 1997, p. 135, 137 e 144).

A alma nacional seria fruto da ocupação modernizadora do sertão. O objetivo maior seria o de povoar a pátria geográfica de gente nação, pois um dos maiores entraves à formação da pátria seriam as diferenças regionais e para redimi-las buscar-se-ia a conquista de uma maior homogeneização entre elas, além do combate à imensidão dos vazios, que apenas seria possível aparando-se as arestas educacionais e econômicas e construindo o espaço, antes dicotomizado entre litoral e sertão, em elemento de junção de identidade.

Segundo Candice, “o que nos separa é a vivência descompassada em razão da incompleta homogeneidade do espaço nacional”. O que há são partes de um só conjunto, em disjunção. (SOUZA, 1997, p. 162-163).

Essa incompleta homogeneidade, entretanto, não impediria a integração, mas enquanto não forem nivelados o sertão e o litoral, não seríamos uma nação completa.

No terreno político, econômico, cultural e literário, portanto, haveria uma disputa sobre o que é regional e o que é nacional e a grande questão nacional seria a de resolver o dilema entre as condições díspares centro e periferia, sertão e litoral, região e nação, autenticidade e cosmopolitismo (inautenticidade).

Albertina Vicentini, em **O Regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**, analisa a obra do referido autor, mas que pode ser aplicada a Bernardo Élis, pois ambos são provenientes do mesmo estado, além de Ramos ser influência fundamental em Élis.

Vicentini afirma que

o regionalismo é uma espécie de luta da periferia contra a hegemonia do centro, ou uma espécie de afirmação do escritor da província perante o escritor da capital, contestando a hierarquia hegemônica estabelecida, tanto no sentido econômico, quanto no histórico e no literário (VICENTINI, 1997, p. 53).

As diferenças entre regionalismo e modernismo se limitariam à condição local do primeiro e à condição nacional do segundo, contando ambos com mesma essência.

Os “termos centro/periferia e as suas respectivas relações são complexos geográficos, políticos e culturais”. Aceitar como um dado uma posição “naturalmente” periférica e inferior do regionalismo é “pôr nexos entre fenômenos artísticos e extra-artísticos sem levar em conta o grande dilema da arte, que é a criatividade”. (VICENTINI, 1997, p. 54). E conclui a autora que na verdade as condições de ser centro ou ser periferia se baseiam em fatores de ordem econômica e política.

Conclusão

O Regionalismo de Élis seria, assim como a obra de Hugo de Carvalho Ramos, analisado por Vicentini, um exemplo de resposta acertada ao centro ou litoral, uma resposta artística, intelectual e política apresentada ao Brasil.

Legitimar o que é literatura central e o que é periférica depende dos recursos disponíveis, do sistema literário e de sua divulgação.

Pode-se afirmar que a condição de ser centro ou de ser periferia depende do ponto de vista, do parâmetro, da compreensão de realidade da qual se parte.

Ou seja, o que é universal, o que é local, o que é nacional, o que é regional, depende do referencial adotado, do sistema literário, da recepção e percepção as obras, de sua divulgação e da construção de um local privilegiado de fala que erige as identidades cultural e política.

A defesa da cultura e da identidade seria um ato político que transforma a sujeição em autonomia, posicionando-se no Olimpo das polifonias.

No caso do Brasil, há que haver uma superação da hierarquia entre suas regiões, seu centro e sua periferia, rumo a um patamar comum formador de um diálogo emancipador de maneira a nivelar e aproximar as realidades regionais do sertão e do litoral dessa nação ainda por se realizar.

Referências Bibliográficas

- [1]CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Revista Ciência e Cultura**, Campinas, v. 24, n 9, p. 803-809, set. 1972.
- [2]_____. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 5ª Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976, 193 p.
- [3]_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1989, 223 p.
- [4]COUTINHO, Afrânio. **Era realista**. Era de transição. 3. ed. Revista e ampliada. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1986. (A literatura no Brasil,4).
- [5]ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. 135 p.
- [6]_____.Tendências regionalistas no modernismo. In: ÁVILA, Affonso. **O Modernismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, p. 87-101.
- [7]FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 732-1429. (Intérpretes do Brasil, 2).
- [8]GOMES, Modesto. Sentido do regionalismo goiano. In: MOTTA, Ático Vilas Boas da; GOMES, Modesto (Orgs.). **Aspectos da cultura goiana**. (I). Goiânia: Departamento Estadual de Cultura. Gráfica Oriente, 1971, p. 76-81.
- [09]SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica**: Sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Ed. da UFG, 1997, 171 p.
- [10]VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. **Leituras Brasileiras**: Itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 212 p.
- [11]VICENTINI, Albertina. **O Regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**. Goiânia: Editora UFG, 1997. 73 p.

ⁱ Leila BORGES DIAS SANTOS (Profª. Drª)
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Faculdade de Letras
borges_leila@yahoo.com.br